

Texto I

(...) publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler.

Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases; o algarismo não tem frases, nem retórica.

Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país, dirá:

– Quando uma Constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas Câmaras; as Câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das coisas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles; ela possui nas mãos o direito a todos superior a todos os direitos.

A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

– A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles; é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber porque nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, – por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Replico eu:

– Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições...

– As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação”; mas – “consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: “Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem...” dirá uma coisa extremamente sensata.

E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento.

(ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1969.)

Questão 31

A apresentação do “Sr. Algarismo” como personagem enfatiza a:

- (A) auto-suficiência opinativa do eu-lírico
- (B) justeza da representação política no Brasil
- (C) comprovação numérica de suas afirmativas
- (D) inexistência de raciocínios contrários ao do narrador

Questão 32

Observado o valor semântico da palavra “força” no 4º parágrafo, é correto afirmar que ela tem o mesmo sentido que:

- (A) vigor
- (B) motivo
- (C) robustez
- (D) obrigação

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Questão 33

A consequência de o povo não saber ler, segundo o Texto I, está corretamente expressa em:

- (A) jazer em profunda ignorância, por votar do mesmo modo que respira ou como vai à festa da Penha
- (B) ignorar o Sr. Meireles Queles, por fazer parte dos 30% de residentes no país que jazem em profunda ignorância
- (C) desconhecer a Constituição e as leis do país, por serem coisas absolutamente ilegíveis e estimuladoras de uma revolução
- (D) não poder exercer conscientemente a cidadania, por desconhecer as propostas dos candidatos a cargos eletivos e a própria Constituição

Questão 34

Observe a concordância verbal nos trechos abaixo:

70% da nossa população não sabem ler (linhas 1 e 2)

9% não lêem letra de mão (linha 16)

70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram (linha 18)

os 30% nos ouvem (linha 28)

Sobre o assunto, assim se expressa Evanildo Bechara:

“Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica.”

(BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.)

Considerando essa lição gramatical, pode-se concluir que também estaria adequada a seguinte construção:

- (A) 70% da nossa população não sabe ler
- (B) 9% não lê letra de mão
- (C) 70% dos cidadãos vota do mesmo modo que respira
- (D) os 30% nos ouve

Questão 35

“As letras fizeram- se para frases” (linha 5)

A única alternativa em que a palavra “se” tem o mesmo valor morfossintático que no trecho acima é:

- (A) “Seja como for, sempre *se* morre, muitas vezes um minuto depois de dizer: Vou ali e volto já.” (Millôr Fernandes)
- (B) “Enquanto houver escrita e memória as coisas que *se* foram voltarão sempre.” (Affonso Romano de Sant’anna)
- (C) “Certamente os leitores conhecem o texto da Constituição Federal em que *se* permite a livre manifestação do pensamento pela imprensa.” (Graça Aranha)
- (D) “Uma das pragas nas relações humanas é a cobrança que todos *se* sentem no direito de fazer sobre aqueles que preferem pensar com a própria cabeça.” (Carlos Heitor Cony)

Questão 36

Observe a charge abaixo:



(Fradim 16. Rio de Janeiro: Codecri, 1977.)

Comparando o texto de Machado de Assis com a charge de Henfil, verificamos que ambos têm em comum uma denúncia do analfabetismo no Brasil.

Ao tematizar o analfabetismo, o Texto I e a charge referem-se, respectivamente, aos seguintes elementos:

- (A) sistema eleitoral do Império – desejo de acesso à leitura
- (B) análise apurada da Constituição – leitura simplificada dos avisos
- (C) descrença absoluta nas estatísticas – exaltação da palavra escrita
- (D) justificativa da soberania nacional – composição de tipos nordestinos

Texto II

MANIFESTO DA POESIA PAU-BRASIL

(fragmento)

Lançado por Oswald de Andrade, no *Correio da Manhã*, em 18 de março de 1924.

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lâ mesmo não prestava. A interpretação do dicionário oral das Escolas de Belas-Artes queria dizer reproduzir igualzinho... Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado – o artista fotógrafo.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A Playela. E a ironia eslava compôs para a Playela. Stravinski.

A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.

(...)

Nossa época anuncia a volta ao *sentido puro*.

Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sob a luz.

A poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.

(apud TELES, Gilberto M. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1977.)

Questão 37

O texto de Oswald de Andrade critica a estética naturalista porque:

- (A) as pessoas que desejassem sair nas procissões poderiam fazer poesia e ingressar nas escolas de Belas-Artes
- (B) os novos meios técnicos tornaram acessível a todos a possibilidade de representação da realidade
- (C) o fenômeno de democratização estética acarretou prerrogativas como a da misteriosa genialidade de olho virado
- (D) as meninas de todos os lares tiveram acesso às idéias naturalistas de representação da realidade e viraram escritoras

Questão 38

“Só não se inventou uma máquina de fazer versos - já havia o poeta parnasiano.” (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações.

Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

- (A) pois
- (B) quando
- (C) entretanto
- (D) se bem que

Questão 39

O modo de produção textual dos parnasianos, citado no Manifesto da Poesia Pau-Brasil, está explicitado no seguinte fragmento de outro autor:

- (A) Sim: letra e nuvem
lutam com os sonhos
Pela posse do poema.
- (B) Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.
- (C) É mineral o papel
onde escrever
o verso; o verso
que é possível não fazer.
- (D) A graça nobre e grave do quarteto
Recebe a original intolerância,
Toda a sutil, secreta extravagância
Que transborda terceto por terceto.

Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Questão 40

Duas características da poesia modernista que aparecem sugeridas no último parágrafo do Manifesto da Poesia Pau-Brasil são:

- (A) incorporação da temática cotidiana – enfoque no presente
- (B) valorização dos encontros familiares – enaltecimento da natureza
- (C) aproveitamento do elemento musical – retrato de cenas familiares
- (D) citação jornalística da realidade – reprodução do noticiário histórico

Questão 41

Quanto ao processo de formação, a palavra “estatuária” (linha 8) é classificada do mesmo modo que:

- (A) algarismo (Texto I – linha 14)
- (B) desconhecida (Texto I – linha 20)
- (C) pirogravura (Texto II – linha 3)
- (D) domingueira (Texto II – linha 12)

Questão 42

“A opinião pública é uma metáfora sem base.” (Texto I – linhas 26 e 27)

“A poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira,” (Texto II – linha 12)

Compare os trechos acima com as duas frases iniciais do cartaz:



A estrutura sintática das quatro frases está explicada de forma adequada na seguinte alternativa:

- (A) As quatro frases apresentam núcleos predicativos de mesma classe gramatical.
- (B) As frases do cartaz têm estrutura predicativa diferente das outras, pelo uso de linguagem figurada.
- (C) A única frase cujo predicativo está representado sob a forma de oração é a que contém a expressão “é que são elas”.
- (D) Os termos “uma metáfora sem base”, “uma sala de jantar domingueira” e “simples” desempenham a mesma função predicativa.

Texto III

POÉTICA

1
Que é a Poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos
os lados.

2
Que é o Poeta?
um homem
que trabalha o poema
com o suor do seu rosto.

Um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem.

(RICARDO, Cassiano. *Jeremias Sem-Chorar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.)

Questão 43

Nas orações do poema de Cassiano Ricardo, observa-se o uso de:

- (A) linguagem culta
- (B) discurso indireto livre
- (C) pontuação inadequada
- (D) inversão entre os termos

Questão 44

A repetição da palavra “homem” na segunda estrofe exemplifica a seguinte característica:

- (A) variação semântica
- (B) vício de linguagem
- (C) reiteração expressiva
- (D) onomatopéia modernista

Questão 45

O eu-lírico no texto de Cassiano Ricardo expressa uma definição sobre a elaboração da poesia. Essa definição é semelhante ao conteúdo do seguinte fragmento:

- (A) “Como varia o vento – o céu – o dia, / Como estrelas e nuvens e mulheres, / Pela regra geral de todos seres, / Minha lira também seus tons varia, / e sem fazer esforço ou maravilha.” (Álvares de Azevedo)
- (B) “O artista intelectual sabe que o trabalho é a fonte da criação e que a uma maior quantidade de trabalho corresponderá uma maior densidade de riquezas.” (João Cabral de Melo Neto)
- (C) “[Minhas poesias] não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas.” (Gonçalves Dias)
- (D) “Um dia (...) tive saudades da casa paterna e chorei. As lágrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei – Às Ave-Maria: – a saudade havia sido a minha primeira musa.” (Casimiro de Abreu)

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

